

## CHICO ALVES

Não me lembro se foi em 1929 ou 30 que vi pela primeira vez Francisco Alves. No palco do cinema Glória ele cantava a "Voz do Violão"; Carmen Miranda lançava "Ta-i" e "Alô, alô"; e Zaira Cavalcanti, esgalga e linda, cantava "Hula". Foi uma tarde de grande perturbadora festa sentimental para o rapazinho estudante que deixava de tomar sua média para não desintenciar o dinheiro da entrada, e saiu comovido e faminto, com pressa, para pegar a sua triste barca de Niterói.

A última vez que vi Francisco Alves foi este ano, quando uma pequena multidão de gente de rádio e de jornal se juntou na casa do grande Almirante para uma festa que tinha um sentido de homenagem e de solidariedade moral. Chico Alves não faltou com seu violão; e sentimos, os amigos que ali estávamos e eu, uma certa melancolia, ao ver o esforço que ele fazia para altear a voz como antigamente, na mesma canção antiga.

Vimos ontem, nas ruas do Rio, como o grande povo sabe ser agradecido a quem tanto tempo o comoveu. Era sobretudo o povo das zonas pobres que enchia a Avenida, que seguia chorando o seu cantor. E havia extraordinária riqueza de expressão e de emoção nos gestos que partiam dessa massa triste, exaltada pela própria tristeza — mulheres gritando, desmaiando, homens grandes chorando — essa massa que de súbito começou a bater palmas, que acenou com milhares de lenços brancos, e em cujo seio a gente ouvia frases estranhas (uma mulher dizia: "eu queria ver o corpo dele queimado para desmaiar!"; um homem: "mas o que fizeram Cosme e Damião, porque esses meninos deixaram?") dessa estranha massa carioca que se precipitou logo depois a jogar no número da sepultura no seu jogo do bicho (quase deu a centena; deu o grupo) e todo mundo jogando sério, com uma espécie de fervor, como se fôsse ainda homenagem ao morto, à importância do morto, ao seu sentimento em relação ao morto — "Chico não pode falhar", ouvi dizer um.

Chico morreu queimado com seu violão, o "companheiro inseparável"; mas longo, longo tempo sua voz, gravada e irradiada, ainda comoverá este povo triste do Brasil, tão pobre e tão bom.

30/9/52

R. B.